

SARAH KAMINSKY

ADOLFO KAMINSKY:
O FALSIFICADOR

Tradução de
RUTE MOTA



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2020

Paris, janeiro de 1944. Chegado à entrada do metro de Saint-Germain-des-Prés, precipito-me para o seu interior sem perder tempo. Devo ir para a zona este de Paris, na direção de Père-Lachaise. Escolho um banco dobrável, afastado dos outros passageiros. Tenho na minha pasta um conteúdo precioso, que aperto contra mim. Faço a contagem decrescente das estações que se sucedem. République, só mais três. Há ruído, vozes, proveniente do vagão adjacente. O metro apita há vários segundos, mas as portas não se fecham. As vozes cedem ao ruído dos passos, pesados, austeros, muito distintos. Reconheço-os de imediato. O meu peito arde no exato momento em que uma patrulha da milícia, de braçadeiras visíveis e boinas enfiadas nas cabeças rapadas, irrompe na carruagem. Um sinal ao condutor, e as portas fecham-se.

— Verificação de documentos! Revista geral!

Não me volto para eles. Aguardo a minha vez, no fundo da carruagem. Há muito tempo que estou habituado aos controlos policiais, mas hoje tenho medo.

Manter a calma, camuflar as minhas emoções. Sobretudo que elas não me traiam, não hoje, não agora. Impedir a minha perna de marcar o ritmo de uma música frenética. Impedir esta gota de suor de perlar a minha fronte. Impedir o afluxo de sangue nas veias. Abrandar os batimentos cardíacos. Disfarçar a angústia. Estoico. Está tudo bem. Tenho uma missão a cumprir. Nada é impossível.

Mesmo atrás de mim, os documentos são inspecionados, as malas são revistas. Tenho de sair na próxima estação. Há um miliciano em frente de cada porta. É evidente que não tenho qualquer hipótese de

escapar ao controlo. Tomo então a iniciativa de me levantar e me dirigir ao miliciano que se aproxima de mim para lhe apresentar os meus documentos com confiança, ao mesmo tempo que, com um gesto de mão, indico que tenho de sair em breve. Ele lê em voz alta as informações inscritas no meu cartão de identificação: «Julien Keller, dezassete anos, nascido em Ain, Creuse...» Vira o cartão para o examinar em todos os ângulos, ergue os seus pequenos olhos desconfiados de quando em quando, escrutina a minha reação. Sei que ele não consegue perceber o meu medo, pareço sereno. Sei também, com certeza, que os meus documentos estão em ordem. Fui eu que os fabriquei.

— Documentos em ordem... Keller, é alsaciano?

— Sim.

— E aí? O que traz aí?

Justamente o que eu queria evitar. O miliciano aponta para a pasta de mão, cuja pega aperto nervosamente. Num breve instante, parece-me sentir o chão desabar sob mim. Queria dar corda aos sapatos e fugir. Mas qualquer tentativa de fuga seria vã. Uma onda de pânico gela-me o sangue. Tenho de improvisar, e depressa. Mostrar um ar surpreendido, o mais idiota possível.

— É surdo? Tem o quê aí? — pergunta o miliciano levantando a voz.

— A minha bucha. Quer ver?

Juntando o gesto à palavra, abro a minha pasta. Não há problema, tenho mesmo uma sandes no interior. Oxalá seja grande o suficiente para esconder o que devo dissimular a todo o custo. Passado um segundo de hesitação, o oficial fita-me insistentemente, analisando o meu olhar, em busca de uma falha. Apresento-lhe o meu sorriso mais tolo. Algo que sempre soube fazer, sempre que necessário: ter ar de parvo. Os segundos que se seguem parecem horas. Chegamos à estação de Père-Lachaise, e o apito do comboio avisa do fecho das portas.

— Chega, pode sair.

Lembro-me muito bem do assobio agudo do vento sobre os túmulos do cemitério. Não era para me recolher que estava sentado no banco de um dos caminhos do Père-Lachaise. Os meus dentes batiam. O meu

corpo tremia. Tive de sair do metro e arrastar-me até ao cemitério para aí encontrar a solidão necessária para recuperar e soltar os sentimentos dissimulados sob uma calma aparente. Chamo a isto o choque retrospectivo. A expulsão pelo corpo de emoções reprimidas. Tudo o que me restava era aguardar pacientemente que o meu pulso voltasse ao normal, que as minhas mãos descontraíssem, se distendessem. De quanto tempo precisei? Não sei. Talvez cinco ou dez minutos. O tempo de sentir frio, e de voltar a mim. O tempo de me lembrar do porquê e para quê de estar ali, a correr riscos, e de me recordar a urgência da minha expedição. Foi esta urgência que me veio tirar do meu estupor no silêncio pesado do cemitério, recordando-me que não havia nem mais um minuto a perder. Não havia tempo para a prostração ou autocomiseração, o medo ou o desalento.

Preparo-me para voltar a partir. Antes de me levantar, abro cuidadosamente a minha pasta para uma última verificação. Levanto a sandes. Está tudo lá. O meu tesouro. Cinquenta cartões de identificação franceses em branco, a minha caneta, a minha tinta, os meus carimbos e um agrafador.

Nesse dia, como em tantos outros, bato a todas as portas de uma lista que me deram na véspera e que passei a noite a decorar. Os nomes e as moradas de dezenas de famílias judias que, segundo o que a rede descobriu graças a cúmplices infiltrados, serão sujeitas a uma rusga ao raiar do dia seguinte. Subo o Boulevard de Ménilmontant, depois sigo pela Rue des Couronnes para chegar às ruelas do Boulevard de Belleville. Em todas as vezes, serão sobrepostos novos rostos a estes nomes desconhecidos. Rue du Moulin-Joly, família Blumenthal, Maurice, Lucie e os seus filhos, Jean, Éliane e Vera, aceitaram os documentos falsos, entram na clandestinidade.

No melhor dos casos, têm em casa fotos de identificação que me basta agrafar ao cartão em branco, que preencho depois cuidadosamente com a caligrafia de um funcionário da Câmara. Por vezes, aceitam os documentos falsos, mas não têm no local os elementos necessários à fabricação. No entanto, levam a minha visita a sério e garantem-me que

não estarão em casa no dia seguinte, à hora da rusga. Alguns têm um tio, uma amiga, um primo em casa de quem se esconder. Outros não têm ninguém. Há também quem recuse de imediato e mude de ideias quando lhe asseguro que a minha oferta é gratuita. Mas infelizmente não são muito fáceis de persuadir. Esta noite, houve por exemplo a Sra. Drawda, na Rue Oberkampf. Uma viúva que me deixou estupefacto pela sua falta de lucidez, a sua obstinação em considerar-me um indivíduo desonesto. Quando lhe apresentei os documentos, ofendeu-se: «Porquê esconder-me, eu, que não fiz nada e que sou francesa há várias gerações?» Tive tempo para ver, sobre o seu ombro, a mesa posta na sala, em torno da qual quatro crianças jantavam ajuizadamente. Tentei de tudo para a convencer. Expliquei-lhe que a minha rede trabalhava a esconder as crianças, que seriam colocadas com toda a segurança, em casa de pessoas honestas, no campo, e que ela poderia mesmo ter notícias delas. De nada me serviu suplicar, ela não me ouviu, não me quis ouvir, e manteve o seu ar indignado. O que me mais me impressionou foi, depois de me ter ouvido falar do que eu vira com os meus próprios olhos quando estive detido em Drancy, carruagens inteiras que partiam para a morte, milhares de deportados, ela ter retorquido que não acreditava nas mentiras da propaganda anglo-americana. Depois, sem se interromper um segundo, tornou-se ameaçadora e avisou-me que, se eu não desaparecesse naquele instante, chamaria a polícia. Não tinha ela compreendido que a polícia, que viria no dia seguinte prendê-la e às suas crianças, não estava lá para as proteger?

Carregando a minha pasta e a minha dor como um fardo, continuei o meu caminho, de porta em porta, a enumerar e a organizar listas na minha cabeça, os futuros clandestinos de um lado, os deportados do outro. Em relação a estes, já eu sabia que me recordaria sempre, que a minha memória não saberia apagar os seus nomes, os seus rostos. Que teria pesadelos. Consciente de ser talvez a última testemunha da sua liberdade, esforçava-me por lhes arranjar um pequeno lugar, algures nas minhas recordações.

Por mais que me despachasse, a obscuridade glacial das noites de inverno acabara de expulsar os últimos raios do luminoso sol de fevereiro. Quando a última porta da última morada se fechou atrás de mim, há muito que passara a hora do recolher obrigatório. Tinha de me transformar em sombra, colar-me às paredes, fugir à luz dos candeeiros, abafar os meus passos, deslizar no chão, e desaparecer. Mas, antes de mais, encontrar uma cabina telefónica para informar o meu contacto de que o meu sector estava concluído. Um número a compor, uma mensagem em código a pronunciar, e só então poderia voltar para casa.

Ao fim de vinte minutos de marcha angustiada, vi finalmente desenhar-se ao longe o edifício de tijolo da Maison du jeune homme, hoje o Palais de la femme¹. Na época, o estabelecimento funcionava como uma residência para estudantes e jovens trabalhadores. Tinha um preço muito acessível, e eu era seu hóspede, enquanto não encontrasse melhor. Chegado frente ao portão, toquei várias vezes, mas ninguém abriu. Eu tinha frio, os pés gelados, e estava bloqueado no exterior durante o recolher obrigatório. Na escuridão, parecia-me perceber silhuetas ameaçadoras, sombras, ouvir vozes. Sentia-me em perigo. Nenhum sítio para onde ir. Esgotado. Depois de tocar uma última vez, fui esconder-me na entrada de um edifício, sentado num degrau, com a cabeça curvada e os braços enrolados em volta do corpo, a aguardar o nascer do dia. Incapaz de fechar os olhos, sobressaltando-me com cada ruído do vento, pensava na Sra. Drawda e em todos os que não conseguira persuadir, em especial nas crianças. Sentia-me culpado, sem saber dizer de quê. Lamentava não ter encontrado as palavras certas, mais justas, mais convincentes. Queria continuar a acreditar que os meus esforços, e os de todos os meus camaradas, não eram em vão. Não me resignar. Perguntava-me se Lontra conseguira terminar a sua ronda antes do recolher obrigatório, se soubera distribuir os documentos melhor do que eu. Esperava que não tivesse sido detido pela polícia. De contrário, isso queria dizer que ele já estava morto. Era o mês de janeiro de 1944. Ao contrário do que diziam os meus documentos, eu não tinha dezassete anos, tinha acabado de

¹ Estabelecimento dedicado à prevenção da exclusão social e à inserção de mulheres maiores de idade. Acolhe mulheres em variadas situações sociais e de diversas origens. [N. da T.]

fazer dezoito. Tinha-me tirado um ano para escapar ao STO¹. Depois de uma infância bruscamente interrompida pelo início da guerra, não me sentia ainda verdadeiramente adulto, mas tinha, a partir de agora, a certeza de já não haver nada de criança em mim.

Eu sabia muito bem que todas as polícias estavam no rastro do falsificador de Paris. Sabia-o porque tinha encontrado uma forma de produzir documentos falsos em tal quantidade que, muito depressa, toda a zona Norte, até à Bélgica e aos Países Baixos, ficou inundada deles. Quem quer que procurasse documentos falsos em França sabia que, desde que estabelecesse contacto com algum ramo da Resistência, obtê-los-iam de imediato. Era então evidente que, se todos o sabiam, a polícia também o sabia. Quanto mais documentos produzíamos, mais era preciso reforçar as precauções. A principal vantagem que eu tinha em relação aos serviços policiais era o facto de eles provavelmente estarem em busca de um técnico «profissional», que possuísse máquinas, impressoras, uma fábrica de pasta de papel; nenhum deles poderia suspeitar então que o falsificador que procuravam era apenas um rapaz.

Evidentemente — e felizmente —, eu não estava só. O responsável do laboratório chamava-se Sam Kugiel, tinha vinte e quatro anos. Chamávamos-lhe «Lontra». A antiga responsável técnica, que me cedera o seu lugar para se ocupar dos comboios de crianças e das passagens das fronteiras, era Renée Gluck, chamada «Nenúfar», uma química, também ela com vinte e quatro anos. Usavam ambos os nomes de totem de quando haviam pertencido aos Éclaireurs israélites de France (EIF), onde se tinham conhecido antes do início da guerra. No laboratório, havia também Suzie e Herta Schidlof, irmãs de vinte e vinte e um anos, estudantes de Belas-Artes, cuja contribuição era particularmente preciosa, tanto pela dedicação do seu trabalho como pelo bom humor constante. Era esta a constituição do «célebre» laboratório de documentos falsos da «6.^a» secção secreta da Union générale des israélites de France (UGIF). Ninguém, exceto nós cinco, conhecia a morada do laboratório. Inclusive os nossos dirigentes eram

¹ Serviço de Trabalho Obrigatório.

mantidos na ignorância do segredo. Sob nenhum pretexto eles o deviam saber, e era graças ao respeito rigoroso desta regra que esperávamos escapar a muitas catástrofes.

Como disfarce, fingíamos que éramos pintores. O nosso laboratório de documentos falsos ficava numa pequena mansarda ao comprido, no último piso do número 17 da Rue des Saints-Pères, e tínhamo-la transformado em ateliê de artista. Era minúscula, não chegava a quinze metros quadrados, mas, graças a uma claraboia podíamos pelo menos desfrutar de uma bela luz. Duas mesas encostadas uma à outra ocupavam todo o comprimento do espaço. Numa delas, duas máquinas de escrever. Na outra, papéis mata-borrão. Nas prateleiras fixadas à parede, eu dispusera todos os meus produtos químicos e as minhas diversas tintas, escrupulosamente classificados por ordem de utilização. E, dado que tivéramos o cuidado de pôr alguns pincéis ao lado, ninguém teria suspeitado que não se tratava de latas de tinta e solventes. Para aumentar a nossa superfície de trabalho, eu arranjava dezenas de gavetas que deslizavam sob as duas mesas. Podíamos assim secar um grande número de documentos ao mesmo tempo, com toda a discrição. As restantes paredes estavam cobertas de quadros que nos divertíamos a pintar, à pressa, por trás dos quais ocultávamos a nossa produção de documentos falsos enquanto não os enviávamos aos nossos agentes de ligação. Todos respeitávamos horários fixos, horários de escritório, para não perturbar-mos o porteiro, e de quando em quando chegávamos com paletas de pintura. Deste modo, nenhum vizinho vinha inquirir sobre os odores dos produtos químicos. E o mesmo se passava com o funcionário da companhia de eletricidade que vinha verificar os contadores. Quando entrava no laboratório, felicitava-nos sempre pelas nossas obras. Assim que deixávamos de ouvir o eco dos passos dele na escada, desatávamos à gargalhada. Os nossos quadros não tinham nada de excepcional.

A nossa rede tinha a particularidade de ter nascido no seio da própria UGIF, um organismo judaico, governamental, instituído pelo regime de Vichy, financiado pelo dinheiro e os bens dos judeus requisitados pelo Estado. A sua missão era a de acolher os judeus: a UGIF colocava os menores em lares de acolhimento, permitia-lhes frequentar

a escola, assegurava-lhes refeições adequadas, de modo que muitos pensavam que as suas motivações eram de facto honestas e sinceras. Na verdade, o Estado francês encontrara uma forma infalível de preparar a deportação sistemática dos judeus sob uma capa de moralidade, adiantando-se a todos os outros países, com um sistema de arquivo e cartões perfurados: os judeus, que não tinham outro sítio a que recorrer e estavam interditos de trabalhar, estavam irremediavelmente dependentes da UGIF e eram hóspedes das suas residências beneméritas. Eram então registados, e apanhados quase de imediato. Alguns responsáveis da UGIF, ao descobrirem que, sem o saberem, participavam em todas estas deportações, decidiram criar uma secção clandestina que financiavam desviando parte dos fundos que deviam gerir. Recrutaram voluntários, nomeadamente entre os EIF, que eram jovens e leais e queriam entrar na Resistência. Estes constituíram inicialmente a maior parte da rede. Graças aos seus agentes duplos, a 6.^a tinha então a vantagem de ter acesso prioritário à quase totalidade das listas de pessoas que seriam sujeitas a rusgas nas casas da UGIF ou noutra lado.

Fui o último a integrar o laboratório da 6.^a, mas tive de subverter todos os métodos de trabalho desde o momento em que cheguei. Quando Nenúfar me explicou que retirava o carimbo *judeu* com algodão hidrófilo embebido em corretor simples ou líxívia fervida, e que, depois disso, Suzie voltava a colorir o cartão com lápis de cor, quase desmaiei! O método delas era muito mais arriscado. Expliquei-lhes logo que, com o contacto da pele e da transpiração, a escrita voltava a surgir alguns dias depois em amarelo. E que, se não neutralizassem o corretor com um produto alcalino, ele continuaria a corroer o papel, que tomaria então a textura de um mata-borrão na parte falsificada. O cartão de identificação não seria utilizável. Sob os seus olhos estupefactos, elaborei as minhas soluções químicas e mostrei-lhes como deveriam proceder a partir do dia seguinte. Foi muito fácil para mim. Tinha adquirido todos estes conhecimentos técnicos na minha experiência como tintureiro e ao longo do tempo passado na companhia de um especialista em química leiteira. Graças à minha aprendizagem como tintureiro, eu sabia como tingir uma fibra de algodão sem afetar

a fibra de lã, ou vice-versa. Além de que tinha iniciado as minhas experiências de química aos catorze anos, com investigações sobre a descoloração das tintas ditas «indeláveis». Em anos de análises, não descobri nenhuma: todas podem ser apagadas.

O entusiasmo que eu provocara divertia-me. Suzie falava de magia. Nenúfar decidiu alguns dias depois dedicar-se aos comboios de crianças, por considerar que o laboratório de documentos falsos encontrara o seu engenheiro químico e já não precisava dela.

Foi apenas o início. Depois, os documentos tornaram-se cada vez mais difíceis de falsificar, enquanto, ao mesmo tempo, a procura de documentos falsos aumentava de dia para dia. Quando me juntei à rede, a 6.^a estava já em ligação estreita com outras redes judias, o Mouvement de jeunesse sioniste (MJS), a Organisation juive de combat (OJC¹), o dispensário da Rue Amelot e a Œuvre de secours à l'enfance (OSE). De seguida, houve outras redes que se aproximaram de nós, como o Mouvement de libération nationale (MLN), que recebia as suas ordens de Londres e agia doravante em colaboração com Combat e Libération Nord, mas também redes comunistas, os Francs-Tireurs et Partisans (FTP) e a Main-d'Œuvre immigrée (MOI). A Resistência unificada organizava-se. Tecia-se uma teia entre os diferentes grupos, e cada um mobilizava as suas competências para lutar contra as deportações e organizar as células de resistência armada, os *maquis*. Estas ramificações permitiam trocar informações cruciais. Esta resistência, até então composta por pequenas iniciativas isoladas e pequenos grupos, assumia pouco a pouco uma forma estruturada, a de um polvo tentacular, em que cada fração se tornava interdependente das outras. Tornámo-nos o laboratório mais engenhoso e mais eficaz de França, o único com capacidade de produzir em quantidade, pois entretanto eu descobrira as técnicas para deixar de falsificar documentos existentes, fabricando antes novos, tão verdadeiros como se sássemos da Imprensa

¹ A OJC, Organização Judaica de Combate, corresponde à AJ (Armée juive) ou Exército Judaico [N. da E.].

Nacional. Era eu mesmo quem transformava o meu papel para o tornar cartonado, quem fabricava os meus carimbos oficiais.

Devo referir que, na verdade, eu não dispunha de um laboratório, mas de dois. Quando Maurice Cachou, responsável do serviço de documentos falsos do MLN, teve conhecimento das minhas proezas, contactou-me diretamente para saber se eu conseguia fazer fotogra-
vura. Nesta altura, para evitar os trajetos mais longos e os controlos policiais, eu deixara a Maison du jeune homme e instalara-me noutra pensão, na Rue Jacob, muito perto do laboratório da 6.^a. Fiz-me passar por fotógrafo amador, e a cozinheira da pensão, que simpatizara comigo, emprestou-me um quarto que ela mantinha vago, ao lado do meu, julgando que eu fazia experiências fotográficas. De facto, foi aí que criei o laboratório de pesquisa de documentos falsos do MLN.

Mais um quarto de criada, mas desta vez um cuja morada era totalmente secreta, pois eu era o único a ter acesso a ela. Era aí que eu transformava o papel, à noite, e onde, graças ao processo de fotogra-
vura, reproduzia infinitamente todos os carimbos, os documentos em papel timbrado e as filigranas. Todos os documentos em branco saíam do laboratório da Rue Jacob. Fora tudo improvisado, concebido com material recuperado em lojas de artigos usados e com poucos meios. Mas eu conseguia, com alguns arranjos, reproduzir máquinas prodigiosamente sofisticadas, dignas de verdadeiros laboratórios de fotogra-
vura. Dado que a força centrífuga era o único meio eficaz para distribuir uniformemente o líquido fotosensível sobre as placas de fotogra-
vura, eu inventara uma centrífugadora fabricada com uma roda de bicicleta. O meu cachimbo era uma ferramenta excelente para alisar os papéis atacados por produtos ácidos. De resto, era só para isso que me servia, eu nunca fumei. Com os vidros de lentes convergentes e divergentes, e um pequeno espelho semitransparente, eu reproduzira uma máquina utilizada por Leonardo da Vinci, que projetava a imagem virtual do desenho — ou carimbo — a reproduzir à mão, e que permitia um traçado de grande precisão. Tudo isto era artesanal, mas muito eficaz! E como havia sempre mais coisas para inventar, eu tinha muitas noites sem dormir.

Só precisava de todas as manhãs, sem apanhar o metro pois ficava próximo, transportar os documentos em branco para o laboratório da 6.^a para serem preenchidos.

*

Os nossos serviços estavam à disposição de todos. Choviam pedidos. Cada vez mais numerosos. Vinham de Paris, da UGIF, da zona Sul, de Londres. O ritmo que tínhamos de manter estava no limite do sustentável, chegando por vezes a quinhentos por semana.

Habitualmente, Lontra e eu efetuávamos as ligações para tratar dos pedidos. Lembro-me de que ele tinha, como eu, um ar ingênuo e inocente. Era o nosso melhor disfarce. Ele era baixo, de cabelo louro-acobreado, com sardas. Um nariz muito pequeno e um olhar travesso. Um rosto de bebê, juvenil, agradável. Ele contactava mais frequentemente com as redes judaicas. Eu, com o MLN e os comunistas. Mas acontecia isso mudar, conforme as urgências. Em geral, organizávamos os nossos encontros com os nossos agentes de ligação num local frequentado de Paris, de preferência com uma mulher. Os encontros tomavam a forma de um encontro amoroso. Eu era sempre o primeiro a chegar, levando sempre uma rosa. A minha «noiva» e eu dávamos então um «passeio», tendo o cuidado de trocar olhares ternos de cada vez que nos sentíamos observados. Quando nos separávamos, cada um de nós sabia qual era a sua missão.

Naquele dia, o meu encontro não era com uma das minhas pretendentes muito amadas, mas com Marc Hamon, chamado «Pinguim», o homem que me recrutara quando eu entrara na Resistência, também ele membro dos EIF.

Eu sabia que, se Pinguim vinha pessoalmente, isso significava que o seu problema era tão urgente que não podia aguardar que uma das jovens da rede estivesse disponível. Devíamos encontrar-nos no jardim das Tuileries. Quando cheguei, encontrei-o sentado num banco, particularmente fatigado e inquieto. Comentei que ele tinha emagrecido desde o nosso primeiro encontro, o que o fez rir, e devolveu-me o cumprimento. Tomou depois uma voz mais grave.

— Ontem, Londres deu-nos algumas boas notícias. O Exército alemão recua em todas as frentes, e temos a partir de agora do nosso lado todos os exércitos da África do Norte. O problema é que os nazis decidiram acelerar o processo de limpeza e preparam uma

rusga gigantesca em todo o território. Em três dias, dez residências de crianças serão batidas em simultâneo um pouco por todo o lado na região de Paris. Tenho uma lista para ti. Preciso de tudo, senhas de racionamento, certificados de batismo, certidões de nascimento, mais os cartões de identificação dos passadores, as suas ordens e os livres-trânsitos coletivos.

— Quantas crianças?

— Quantas?... Mais de trezentas.

Trezentas crianças significava mais de novecentos documentos diferentes a produzir. Num período de três dias, era impossível! Em geral, os pedidos chegavam-me em conjuntos de trinta a cinquenta por dia, por vezes um pouco mais. Não era o meu primeiro desafio, mas o choque quase foi de mais para mim. Ao deixar Pinguim, pela primeira vez temi falhar. Até então, eu sempre soubera extrair, de um conjunto de conhecimentos extravagantes, soluções quase miraculosas que resolviam problemas técnicos. Quanto mais os documentos eram melhorados, mais era preciso inventar, mostrar engenho para falsificar o infalsificável com os poucos meios de que dispunha. Ora, desta vez, já não se tratava de «soluções», mas de «quantidade», e eu sabia que tinha atingido o meu máximo de produtividade. As horas de um dia não podem ser condensadas e, infelizmente, também não podem ser prolongadas. Não havia tempo para pensar. Primeiro, apressar-me para a Rue Jacob para fabricar papel, do espesso, muito compacto, ou do fino, com ou sem grão, conforme a natureza dos documentos a produzir. Despachar-me. O cronómetro acabava de se iniciar. A corrida ia começar. Uma corrida contra o relógio, contra a morte.

Quando, depois de ter deixado Pinguim, chego estafado ao laboratório da 6.^a, com a minha pasta de documentos para serem preenchidos, aí encontro Lontra, Suzie e Herta que me aguardam, fiéis ao seu posto. Mas surpreende-me constatar que Nenúfar se juntou a eles. É raro revê-la no laboratório depois de ter assumido outras funções. Todos me olham com um ar consternado. Anunciam-me que já estão ao corrente em relação às trezentas crianças, o que explica o regresso de Nenúfar, que nos veio dar uma mão. Mas, além disso, Lontra

acabou de receber um pedido da MOI, que precisa de documentos para a sua secção húngara. Interrogam-me com o olhar. Querem saber se o laboratório tem de facto capacidade de responder ao desafio.

Ponho as caixas de documentos em branco sobre a mesa e, com o tom que as circunstâncias pedem, dou o sinal.

— Primeiro as crianças! — acrescenta Nenúfar.

O laboratório pôs-se de imediato em movimento. Nenúfar na guilhotina para cortar os cartões. Suzie na recoloração. Herta no preenchimento, à mão e à máquina de escrever. Apenas Lontra, que nunca costuma ocupar-se da produção mas de todos os dados administrativos, deambula em volta, com ar desamparado.

— Se nos queres ajudar, podes já carimbar e assinar os documentos.

Ele começa de imediato a trabalhar, enquanto eu envelheço os documentos com uma pequena máquina cilíndrica criada por mim, em que coloco algum pó e lápis, e cuja manivela rodo para os sujar e gastar, de modo que não pareçam muito novos ou acabados de sair da imprensa. A pouco e pouco, os odores dos produtos químicos invadem a sala e misturam-se com os do suor. Cortamos e recortamos, carimbamos, colorimos, batemos à máquina a toda a pressa, trabalhamos em cadeia na nossa fábrica improvisada. Depois, cobrimos as duas mesas e as gavetas de fundo duplo de documentos falsos. No fundo, todos sabemos que temos poucas hipóteses de o conseguir, mas todos temos o cuidado de não o dizer. Tudo depende da nossa vontade. O otimismo, de resto, é tudo o que temos, o único modo de avançarmos.

Ao cair da noite, quando cada um regressa a casa, tomo o caminho do meu outro laboratório, o da Rue Jacob. Como é que posso ir para a cama quando num dia, apesar da ajuda de Nenúfar e da contribuição fortuita de Lontra, não fizemos um quarto dos documentos das crianças? O que é insuportável é que, a este ritmo, talvez consigamos realizar o pedido de documentos para as crianças, mas a custo do sacrifício dos húngaros da MOI.

Manter-me acordado. Durante o máximo de tempo possível. Lutar contra o sono. O cálculo é simples. Numa hora, fabrico trinta documentos em branco. Se dormir uma hora, morrerão trinta pessoas...

Ao fim de duas noites de trabalho — um interminável trabalho de formiga —, de olho colado ao microscópio, o cansaço torna-se o meu pior inimigo. Retenho a respiração, a mão não deve nunca tremer. A produção de documentos falsos é uma operação minuciosa. Um verdadeiro trabalho de ourives. Temo sobretudo o erro técnico, a pequena falha, o ínfimo detalhe que possa ter-me escapado. O menor instante de distração pode revelar-se fatal, e, de cada documento, depende a vida ou a morte de um ser humano. Verifico e volto a verificar cada prancha de papel. Estão perfeitas. Mas resta-me ainda uma dúvida. Volto a verificá-las. Já não me sinto tenso. Pior, tombo literalmente de cabeça. Ergo-me energicamente para me despertar, dou três passos, esbofeteio-me várias vezes. Depois volto a sentar-me. Uma hora, trinta vidas! Não tenho o direito de ceder. Pestanejo e franzo os olhos para obter uma visão mais clara. É a minha impressão que está esborratada ou são os meus olhos que já não conseguem ver na penumbra do quarto escuro?

No dia seguinte, o laboratório da Rue des Saints-Pères está em ebulição. Estamos na reta final. Esta tarde, às dezassete horas, Lontra e Nenúfar partirão com a nossa produção, tudo o que tivermos tempo de fazer, o resultado de três dias de trabalho esforçado. Temos, esta manhã, mais de oitocentos documentos concluídos, e começo por fim a sentir-me confiante. À força de fazermos sempre os mesmos gestos, freneticamente, estamos mais rápidos do que nunca, com destreza e sem pausas. As nossas roupas estão peganhentas e fedem a produtos químicos, escorremos em transpiração, mas nesse dia há algo de novo no ar, algo de impalpável na atmosfera. Euforia! Contamos em voz alta para nos motivarmos, 810, 811, 812... Levados pela música bem ritmada do ruído incessante das máquinas de escrever, do corte da guilhotina, do som dos carimbos, do clique do agrafador, e do zumbido da máquina de envelhecer os documentos.

Inebriado, no turbilhão da ação, vejo de súbito uma sombra passar frente aos meus olhos. Depois, logo a seguir, é o negro total. Pestanejo, franzo os olhos, esfrego as pálpebras. Mas nada acontece. Cego. Os meus ouvidos foram tomados por um zumbido contínuo, tenho as mãos entorpecidas. De repente, sinto que perco o controlo do meu corpo.

Parece que houve um grande estrondo quando desabei com todo o meu peso no chão. Quando voltei a mim, tinha a cabeça no parquê, e distinguia apenas manchas sombrias. Nenúfar levou-me para casa de uma agente de ligação da rede que vivia muito perto para que cuidassem de mim. Receava tanto que sem mim os documentos não fossem terminados a tempo que insisti para que não me deixassem dormir mais de uma hora. Lembro-me agora de uma frase que Nenúfar me disse, e que me implantaria para sempre o sentimento de responsabilidade pela vida dos outros:

«Precisamos de um falsificador, Adolphe, não de mais um cadáver.»